

**UMA ABORDAGEM AFETIVA:
A INFLUÊNCIA DA RELAÇÃO ALUNO-PROFESSOR
NO ENSINO-APRENDIZAGEM**

Hanely Ramos Silva (UEL)

RESUMO: Este artigo tem por intuito registrar observações pessoais realizadas durante o estágio em um Colégio Estadual da rede de ensino de Londrina. Durante esse período a relação de afeto e respeito mútuo entre estagiária e discentes foi o principal divisor de águas no processo de ensino e aprendizagem. Sendo assim, vamos trazer à luz a importância da ressignificação, já mencionada por inúmeros estudos, sobre o papel do professor como mediador, como Paulo Freire (1996) e Vygotsky (1987), do ensino colaborativo e do diálogo constantemente aberto entre a comunidade escolar e o efeito do afeto, pela perspectiva de Freud (1895), nessa construção. É de suma importância abrir o debate sobre as relações interpessoais entre os sujeitos que constituem uma sala de aula, levando em consideração a influência que essas relações possuem na independência e autonomia dos alunos na construção de conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Afetividade; Experiência de estágio; Professor mediador.

Introdução

O estágio supervisionado foi realizado em uma escola estadual da rede pública no município de Londrina, direcionado aos graduandos do quarto ano do curso de Licenciatura em Letras Portugêses. As turmas participantes deste projeto foram compostas por alunos do primeiro e segundo ano do Ensino Médio. De acordo com a LDB/1996 e a Constituição Federal/1988, art. 205, é assegurado o "[...] pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho". Além disso, a Base Nacional Comum Curricular preconiza a busca pela proficiência dos estudantes, concedendo-lhes maior autonomia e protagonismo em sua aprendizagem. Diante disso, diversas abordagens e metodologias educacionais são atualmente estudadas. O presente trabalho tem como objetivo promover o diálogo acerca dessas intenções sociais e ressaltar a importância do papel do professor como mediador durante o processo de ensino e aprendizagem.

Os cinquenta minutos que são atribuídos para uma aula possuem alguns objetivos, alguns deles são: a aprendizagem, o desenvolvimento cognitivo, pessoal e social, a preparação para o mercado de trabalho e para a vida no geral, priorizando a autonomia e a criticidade. Para atingir seu maior potencial, fica sob responsabilidade do Estado, da escola, da

comunidade e, durante esses cinquenta minutos em específico, é responsabilidade do professor a abordagem e metodologia adotadas para que todos possam usufruir dessa oportunidade. De acordo com Freire (1996 p.39) quando o objetivo da educação é sempre obter melhores resultados a prática docente deve ser pensada criticamente e exercida com clareza e intencionalidade.

Durante o estágio, foi notória a importância das relações interpessoais dentro da sala de aula. Parte significativa da participação dos alunos estava atrelada a receptividade de suas falas, a relação com os colegas de classe e com os professores, o diálogo sobre questões que atingem esferas para além da sala de aula. Concomitante à atmosfera social da sala, diversos conteúdos curriculares do Registro de Classe On-line (RCO) almejavam o desenvolvimento da oralidade e da criticidade e, para que a participação fosse mais que uma obrigação, o respeito e a afetividade regeram a recepção das atividades propostas.

Dessa maneira, o presente trabalho irá abordar a importância do vínculo de afetividade entre professor e aluno, como essa relação facilita o processo de ensino e aprendizagem e como discutir a importância desse elemento numa abordagem de professor-mediador. Para isso, serão abordados autores como Marina Marques e Freud (1895), Miranda, Blaszkowski e Ujie (2021), Paulo Freire (1996) e Vygotsky (1987).

1 Afetividade em sala de aula

Affectus, o termo em latim para definir afeição e emoção, dá origem à palavra afeto, sentimento de afeição ou inclinação por alguém ou algo. De acordo com Freud, para que um indivíduo atinja ou tenda a um objetivo sua psique aciona um mecanismo (impulso) que está no limite entre o somático e o psíquico, esse impulso é denominado pelo autor como pulsão. A pulsão “tem sua origem no corpo e sua ligação com a esfera psíquica é feita pelos representantes pulsionais: o afeto e a representação.” (MARQUES, p. 47, 2012), sendo assim, o afeto ao lado da representação é o intermediário entre a energia, provinda do corpo, e o acesso à esfera psíquica gerando, assim, o agente motivador.

Enquanto qualidade temos: afetividade, que de acordo com o dicionário Michaelis (2015) é a capacidade de experimentar e expressar fenômenos afetivos, como emoções, paixões e sentimentos, que influenciam o caráter e o crescimento cognitivo do ser humano. Para Almeida (1999)

[A Afetividade é] como uma ponte geradora de potência de energia, tanto **positiva quanto negativa**, sendo um dos fatores básicos e indispensáveis na vida do ser humano, no processo da vivência social e do reconhecimento e construção de si mesmo em sua inteireza humana. (apud. Miranda; Blaszkowski; Ujiié, 2021, p. 64, grifo nosso),

Sendo assim, é notório que o conceito de afetividade nos faz resgatar as vivências colecionadas ao decorrer da vida, a princípio as relações afetuosas são com nossos familiares, pais, avós, irmãos, logo com nossos amigos e colegas de classe, com os professores e comunidade escolar. Sabemos, então, a partir da psicanálise ou de forma empírica, que o processo afetivo é responsável pela percepção, a memória, a atenção, a linguagem e até a aprendizagem, eternizando, muitas vezes, momentos e colaborando para a construção do nosso ser.

Outro conceito freudiano que vale a pena mencionar é o da transferência que “é um **fenômeno universal da mente humana**, [que] decide o êxito de toda influência médica, e de fato **domina o todo das relações de cada pessoa com seu ambiente humano**”, (Freud, 1976, p. 56, grifo nosso). Em abordagens clínicas psicanalíticas têm-se claro a manifestação da transferência, a projeção dos sentimentos do paciente para o psicólogo, sendo eles positivos (afetuosos) ou negativos (hostis). No entanto, não é apenas na clínica, percebe-se a presença inconsciente dessa transferência em diversas outras esferas, a transferência no âmbito profissional, indivíduos que tiveram relações conflituosas na infância e reproduzem a insegurança em relação a figuras de autoridade, a transferência nas relações conjugais, indivíduos que projetam em seu cônjuge questões da sua própria individualidade, e por fim, podemos mencionar a presença da transferência dentro da sala de aula, alunos quanto indivíduos que levam constantemente seus sentimentos e emoções e os projetam no outro (professor).

Ao notar a transferência, o professor pode (e deve) influenciar intencionalmente sua ambivalência, já que levando em consideração Vygotsky (1987) “a aprendizagem é caracterizada pelas relações sociais” e, já que os “indivíduos são dotados de igual potência para a realização social”, durante esse processo, o que distancia os sujeitos são seus atravessamento e seus estímulos. Ocorre o aprendizado, portanto, através das experiências do sujeito e suas relações sociais, dependendo das oportunidades que lhe são dados num dado contexto cultural e da atividade intencional dele (Nunes; Silveira, 2015, p14). Nesse processo, há formas distintas de adquirir conhecimento e percebe-se isso no cotidiano da sala de aula de

indivíduo para indivíduo. Observa-se assim a importância das interações sociais entre os sujeitos, visto que é comum, ao ser humano, os mecanismos psíquicos, sociais e biológicos.

2 Relato de experiência durante o estágio

O estágio obrigatório dos cursos de licenciaturas é dividido em três etapas principais: a) observação, b) regência, e c) participação, que permeia todo o processo, essas etapas garantem que o estagiário possa explorar, dentro do possível, a estrutura escolar e exercitar, com supervisão, o ato de lecionar. Além da experiência e o desenvolvimento pessoal do graduando, há o contato direto com professores que atuam na área há algum tempo, isso enriquece a gama de aprendizados estabelecidos nesse período.

2.1 Observação

Durante o estágio no ensino médio, a professora regente das turmas selecionadas - 1º e 2º anos do curso técnico em informática e 2º ano do novo ensino médio - leciona há mais de 15 anos e seu controle de turma e aderência nas atividades são admiráveis. Ao ser questionada sobre sua postura docente, admitiu que há em sala de aula um equilíbrio entre disciplina e afetividade, para ela sempre foi essencial ter um relacionamento respeitoso e amigável com os alunos, sem deixar a ordem e as obrigações de lado.

Assim, as aulas de observação começaram, no início os conteúdos em enfoque foram gêneros textuais: artigo de opinião, textos não verbais, crônica. Nesse momento, assuntos transversais - como cotas e direitos das mulheres - cumpriam sua função de conscientizar e engajar os alunos, enquanto os debates e rodas de discussão eram parte fundamental para a metodologia participativa das aulas. E nas entrelinhas, o relacionamento entre estagiário-professor-aluno se solidificou, os alunos queriam participar, discutir, queriam explicar seus pensamentos, suas críticas positivas ou negativas. O resultado, portanto, eram aulas interativas, com alunos ativos e questionadores. Em seguida, o enfoque foi em predicação verbal e nesse momento, rodas de debates não eram o recurso mais útil, no entanto, os alunos por se sentirem confortáveis, faziam perguntas e participavam ativamente das atividades propostas.

As relações entre professor/estagiário-aluno teve início desde a apresentação, nesse momento a estagiária se prontificou a ajudá-los durante as aulas e o resultado foi a

participação nas discussões sobre cotas e feminicídio, houve correções e orientações sobre produção textual, foi possível a colaboração no evento de celebração da Cultura Negra, e toda essa participação possibilitou a esses indivíduos momentos únicos para se conhecerem e conhecerem o outro e, assim, foram criados vínculos afetivos.

2.2 Regência

Durante a graduação, nos preparamos para dois possíveis cenários: nos anos iniciais preparamos nossas aulas, nas diversas disciplinas de metodologia, para alunos idealizados, todos quietos e disciplinados, participativos e atenciosos; e, no decorrer do curso, muitas vezes, perdemos essa utopia, começamos a imaginar uma turma em desordem ou em caos absoluto, sempre receosos com a possibilidade de não progressão. Entretanto, “há mais coisas entre o céu e a terra do que sonha nossa vã consciência”, a sala de aula é composta por pessoas e nós seres humanos temos a capacidade de assumir papéis sociais. De acordo com Paulo Freire (1989), é papel da escola e do professor se aproximar dos alunos, usar da comunicação e da linguagem, para ensinar os saberes científicos e não científicos.

Ao perceber, durante o período de observação, que a postura da professora funcionava, que os alunos participavam e que a totalidade da sala de aula não era composta por alunos quietos e comportados ou desordenados e malcriados, que havia uma pluralidade, foi nesse momento que se tornou imprescindível durante a observação a participação e o entrosamento com a turma, já que posteriormente seria realizada a regência. As primeiras aulas de regência foram em meados de novembro, próximo do Dia Nacional de Zumbi de Palmares e da consciência negra, sendo assim foi definido, mediante ao calendário, o plano de aula com enfoque ao tema transversal: a pauta racial negra no Brasil. De acordo com o Registro de Classe On-line (RCO) e o cronograma da professora, para o 1º ano o conteúdo foi o discurso oral e o discurso político.

As principais metodologias adotadas foram a metodologia construtiva e sala de aula invertida. Para os alunos do 1º ano, os quais são o enfoque deste trabalho, o projeto desenvolvido nas aulas de discurso oral e discurso político foi constituído da seguinte maneira:

- A. O objetivo era demonstrar na prática a execução de um discurso oral, por isso o tema da aula foi: “Vantagens e desvantagens do discurso oral”;

- B. Antes de iniciar o conteúdo foi investigado o que eles sabiam sobre discursos orais e para isso algumas perguntas norteadoras (a- Quais as principais características de um discurso? b- E do discurso oral? c- Em quais ambientes nós podemos encontrá-lo? d- Qual sua função na sociedade?)
- C. A explicação foi para “complementar” o que eles já sabiam, por isso ao decorrer da explicação a estagiária preocupava-se em fazer pontes e destacar o conhecimento que eles haviam antecipado.
- D. Por fim, a atividade proposta foi uma exposição oral que consistia em formar grupos com três ou quatro colegas e juntos eles deveriam montar uma apresentação sobre um tema de sua preferência como filme e séries, livros, ou jogos, expondo informações bibliográficas, síntese, análise crítica e curiosidade.

Foi muito interessante o resultado, já que todos participaram, alguns deles conseguiram indicar mais de um interesse, e mesmo os mais tímidos ao falarem de algo afetivo se sentiram mais confortáveis no processo de se expor. Nas aulas seguintes, abordamos sobre o discurso político, sendo assim - e para que o diálogo tivesse como ponto de partida o conhecimento dos alunos - as aulas foram organizadas da seguinte forma:

- A. Retomar as características do discurso oral com o material das aulas anteriores e as anotações dos alunos. Para direcionar o diálogo, foram feitas algumas perguntas norteadoras (Quais foram as características que abordamos no discurso oral? Em situações sociais mais vemos esses discursos? Qual é a sua função social?)
- B. Em seguida, o discurso de Nelson Mandela sobre o apartheid - *South African president (1994 -1999)*, *European Parliament, (1990)*, o objetivo era abrir o diálogo sobre o *apartheid* e os malefícios do preconceito e da segregação. Então, após o vídeo, com o discurso impresso, os alunos destacaram argumentos e características do gênero discurso político, e por fim houve uma explicação expositiva.

O estágio foi uma etapa valiosa no processo de formação dessa estagiária, pois foi possível observar o desenvolvimento dos alunos que demonstraram interesse pelas aulas e, por fim, domínio sobre o conteúdo abordado. A estagiária aprendeu sobre o processo de ensino e aprendizagem e sobre a importância da abordagem afetiva. Sabemos que o trabalho docente baseado na afetividade também tem seus desafios já que cada sujeito é único e tem suas

opiniões pessoais e visões de mundo, entretanto é somente num ambiente de confiança e respeito que as diferenças podem ser discutidas, assuntos delicados como preconceito e questões raciais podem ganhar um novo significado quando pensadas de forma crítica.

Conclusão

Compreender a afetividade é de suma importância no processo de ensino-aprendizagem, já que é por meio dela que se faz possível a troca de experiências e saberes de forma humanizada e orgânica. A sala de aula proporciona um ambiente de aprendizagem a todos os sujeitos que a compõem, por isso há a importância de investigar e identificar quem são esses sujeitos e seus sentimentos, para que a transferência, mecanismo inerente dos seres humanos, não seja um obstáculo, mas sim uma ferramenta útil nesse processo.

Pode-se perceber no desenvolvimento do trabalho que a aprendizagem sempre está caminhando lado a lado com a afetividade, e ainda foi possível perceber que através da confiança, do conforto e das parcerias professor x alunos, atividades que são normalmente desafiadoras como a exposição oral e a participação constante nas aulas fluíram com resultados positivos, levando aos alunos uma segurança no falar, no agir, no socializar dos saberes e principalmente no aprender a ser, aprender a compreender, aprender a confiar e consequentemente o aprender a se aceitar como sujeito inserido neste contexto do participar e do fazer pedagógico diário na qual estão inseridos.

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. Um Estudo Autobiográfico (1925[1924]). In: **Obras Completas**, v. XX, Rio de Janeiro: Imago, 1976.

NUNES, Ana Ignez Belém Lima. SILVEIRA, Rosemary do Nascimento. Conceituação, estratégias e concepções de aprendizagem. In: **Psicologia da Aprendizagem**. 3 ed. Fortaleza: EdUECE, 2015. p. 7-34.

MARQUES, Marina R. **Afeto e sensorialidade no pensamento de V. Espinosa, S. Freud e D.W. Winnicott**. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileira de Língua Portuguesa**. Editora Melhoramentos, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=afetividade>. Acesso em: 29 de fev. de 2024

MIRANDA RODRIGUES, Gleice M M de. BLASZKO, Caroline Elizabel. UJIE, Nájela Tavares. AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR - ALUNO E O PROCESSO ENSINO - APRENDIZAGEM: DISCUSSÃO DE DADOS MEDIATIZADA PELO PORTAL CAPES. **Colloquium Humanarum**, Presidente Prudente, v. 18, p. 61 -76 jan/dez 2021. DOI: 10.5747/ch.2021.v18.h509. Disponível em: <https://journal.unoeste.br/index.php/ch/article/view/3960/3280>. Acesso em: 01 de mar. de 2024.

O DISCURSO de Nelson Mandela sobre o apartheid | Parlamento Europeu. Parlamento Europeu Portugal.[s. n., 2022?]. 1 vídeo (4 min. 06). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=EQdcHED_jHE&ab_channel=ParlamentoEuropeuPortugal. Acesso em: 24 abr. 2024.

VYGOTSKY, L. S. Obras escolhidas. Madrid: Visor, 1996. 383 p. WALLON, H. **As origens do pensamento na criança**. São Paulo: Editora Manole LTDA, 1989.